

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-3-4818>

Recebido em: 10/09/2025

Aprovado em: 01/11/2025



Argumentação polêmica e ideologia em comentários *online* sobre o feminismo e o *red pill*¹

Daliane Pereira do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil

orcid.org/0000-0002-6115-5968

Rosângela Alves dos Santos Bernardino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil

orcid.org/0000-0001-7812-4829

Com foco nos sentidos produzidos nas interações digitais e nas temáticas de gênero, este trabalho analisa a argumentação polêmica e a construção de posições ideológicas em torno do feminismo e do *red pill* em comentários ao *podcast* “Debate: red pill X Feministas”, do canal Inteligência Ltda, no *YouTube*. Fundamenta-se teoricamente em Amossy (2008, 2017, 2018), em postulações do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2013, 2016) e nas considerações de Paveau (2021) acerca do comentário *online*, entre outros autores. A análise adota a abordagem qualitativa (Paiva, 2019) e segue o método indutivo (Moraes, 2003). Além de problematizar um tema social relevante, dá continuidade a reflexões já desenvolvidas em nossos trabalhos anteriores. Os resultados apontam que os discursos configuram arenas de confronto simbólico, marcadas por polarização, disputas de sentido e fortes tensões ideológicas, reatualizando conflitos de gênero e identidades e influenciando a construção de valores no espaço público das redes sociais.

Palavras-chave: Polêmica. Ideologia. feminismo. *red pill*.

Argumentos polémicos e ideología en comentarios online sobre feminismo y la píldora roja

Con foco en los sentidos producidos en las interacciones digitales y en las temáticas de género, este trabajo analiza la argumentación polémica y la construcción de posiciones ideológicas en torno al feminismo y a la *red pill* en comentarios al *pódcast* “Debate: red pill X Feministas”, del canal Inteligência Ltda, en *YouTube*. Se fundamenta teóricamente en Amossy (2008, 2017, 2018), en postulados del Círculo de Bajtín (Volóchinov, 2017; Bajtín, 2013, 2016) y en las consideraciones de Paveau (2021) acerca del comentario en línea, entre otros autores. El análisis adopta un enfoque cualitativo (Paiva, 2019) y sigue el método inductivo (Moraes, 2003). Además de problematizar una cuestión social relevante, da continuidad a reflexiones ya desarrolladas en nuestros trabajos anteriores. Los resultados señalan que los discursos configuran arenas de confrontación simbólica, marcadas por polarización, disputas de sentido y fuertes tensiones ideológicas, reatualizando conflictos de género e identidades e influyendo en la construcción de valores en la esfera pública de las redes sociales.

Palabras clave: Polémica. Ideología. feminismo. *red pill*.

¹ Este trabalho apresenta-se como um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada “Interações polêmicas e a (des)construção de estereótipos no ambiente digital: análise de pontos de vista sobre o feminismo e o *red pill*”, da autora principal deste artigo e orientada pela Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino.

Controversial arguments and ideology in online comments about feminism and the red pill

Focusing on the meanings produced in digital interactions and gender-related themes, this paper analyzes polemical argumentation and the construction of ideological positions surrounding feminism and the red pill, based on comments in response to the podcast “Debate: red pill X Feministas,” hosted on the YouTube channel Inteligência Ltda. The study is theoretically grounded in Amossy (2008, 2017, 2018), in the theoretical contributions of the Bakhtin Circle (Voloshinov, 2017; Bakhtin, 2013, 2016), and in Paveau’s (2021) reflections on online commentary, among other authors. The analysis adopts a qualitative approach (Paiva, 2019) and follows the inductive method (Moraes, 2023). In addition to critically examining a relevant social issue, the study also builds upon reflections developed in our previous work. The results indicate that discourses function as arenas of symbolic confrontation, marked by polarization, disputes over meaning, and strong ideological tensions, rekindling gender and identity conflicts and influencing the construction of values within the public sphere of social media.

Keywords: Polemics. Ideology. Feminism. red pill.

Introdução

As redes sociais configuram-se, na contemporaneidade, como espaços privilegiados de circulação discursiva, nos quais a divergência de opiniões frequentemente assume a forma de embates marcados pela confrontação polêmica. Esse cenário não se limita a interações ocasionais, mas constitui um modo recorrente de gestão do conflitual, em que diferenças ideológicas são intensificadas e publicizadas. Entre os inúmeros temas que se tornam objeto de tais disputas, citemos, por um lado, o feminismo, cuja historicidade lhe confere permanência no debate público, e, por outro, o *red pill*¹, fenômeno recente que adquire crescente visibilidade e polariza fortemente as discussões nas plataformas digitais.

Nessa perspectiva, as redes sociais, atravessadas pela mediação da distância comunicativa e, por vezes, pelo anonimato, constituem-se como um espaço de intensificação de discursos polêmicos e de explicitação de posições ideológicas. Assim, o presente estudo aborda a modalidade argumentativa polêmica e as posições ideológicas a partir de comentários *online* gerados em resposta a um *podcast* que aborda os temas feminismo e o *red pill*.

Dessa forma, justifica-se este estudo pela contribuição que oferece à compreensão de como os discursos se organizam e se propagam no ambiente digital, fenômeno cada vez mais comum na vida social contemporânea. Como afirmam Reis

¹ Conforme Silva e Hennigen (2024), o *red pill* é um termo utilizado por alguns homens que buscam inverter a leitura histórica das relações de gênero, defendendo que a opressão das mulheres seria uma construção ilusória de um sistema “ginocêntrico”, o qual oculta a realidade de que, na verdade, os homens é que seriam oprimidos e explorados por esse sistema.

e Zanetti (2024), os textos que circulam no ambiente digital apresentam especificidades que impõem desafios metodológicos ao campo acadêmico. Nesse contexto, o papel do estudioso da linguagem revela-se fundamental, pois sua análise permite compreender como as práticas discursivas em rede estruturam formas de participação social, política e cultural nas mídias digitais.

Além disso, ao se examinar as interações mediadas pelo gênero discursivo comentário *online*, observa-se a constituição de um diálogo direto entre enunciadores, no qual os posicionamentos expostos são prontamente respondidos e confrontados por outros pontos de vista. Nesse ínterim, tal perspectiva possibilita compreender os modos pelos quais se constroem posições ideológicas e identidades coletivas em contextos de polêmica, sobretudo quando em jogo estão temas socialmente sensíveis, capazes de mobilizar afetos, tensionar valores e reconfigurar comportamentos, como ocorre nos debates em torno do feminismo e do *red pill*.

O *corpus* selecionado possibilita, assim, o estudo integrado da modalidade argumentativa polêmica e da ideologia, articulando duas abordagens teóricas complementares: a perspectiva bakhtiniana sobre a dimensão social do gênero, com ênfase na construção de posições ideológicas, e a análise da modalidade argumentativa polêmica proposta por Amossy (2017), que permite compreender a organização argumentativa dos discursos.

Dessa forma, nosso trabalho se articula ao conjunto de investigações que tomam como *corpus* discursos inscritos no ambiente digital, em que se evidenciam disputas de sentidos e reconfigurações enunciativas. Dutra e Farias (2022), por exemplo, examinam a intertextualidade acionada em *hashtags* do *Twitter* como mecanismo de ataque e desqualificação do adversário em contextos de polêmica pública, revelando o papel do tecnodiscurso na intensificação da virulência argumentativa. Já a dissertação de Freitas (2022) dedica-se à análise de enunciados veiculados no *Instagram* sobre a violência contra a mulher, enfatizando as estratégias biopolíticas e os processos de subjetivação do sujeito mulher, bem como a visibilidade proporcionada pelo dispositivo midiático às vozes em defesa da vida das vítimas. Por sua vez, a tese de Domiciano (2024) problematiza a (des)construção de estereótipos femininos em comentários de uma *fanpage* no *Facebook*, mostrando como a discursividade digital opera tanto na reprodução quanto na contestação de imaginários sociais.

Isso posto, a questão central que orienta a investigação é: de que modo a argumentação polêmica em torno do feminismo e do *red pill*, presente nos comentários *online*, contribui para a construção de posições ideológicas? Diante da questão acima, temos como objetivo geral analisar a argumentação polêmica e a construção de posições ideológicas em torno do feminismo e do *red pill* a partir de comentários *online* gerados em resposta a um *podcast*.

No que se refere à filiação teórico-metodológica, este artigo ancora-se nas reflexões de Bakhtin (2013, 2016) e Volóchinov (2017), bem como nas contribuições de Brait (2012), Costa-Hübes (2017) e Miotello (2012), a fim de problematizar a dimensão social do gênero do discurso, em especial no que concerne à constituição ideológica da linguagem. Acrescentamos, ainda, o diálogo com Amossy (2017, 2008), cuja abordagem sobre a argumentação polêmica permite examinar as estratégias de construção da dissensão.

Dessa forma, este artigo está organizado da seguinte maneira: a introdução apresenta e delimita a proposta de estudo, explicitando o objetivo. Na sequência, o referencial teórico é apresentado em duas seções: a primeira dedica-se às discussões com base em Bakhtin e o Círculo, e a segunda aborda a argumentação polêmica, conforme Amossy (2017). Em seguida, são expostas as considerações metodológicas, detalhando nossas escolhas teórico-metodológicas e delimitações em relação ao *corpus* de análise. Posteriormente, realizamos a análise dos dados, com a apresentação dos comentários e a descrição e interpretação dos discursos, conforme o objetivo geral do estudo. Por fim, a conclusão sintetiza os resultados obtidos e suas implicações.

1 Relações dialógicas, gênero do discurso e ideologia

Na obra *Problemas da poética em Dostoievski*, Bakhtin (2013) sugere uma análise situada no âmbito da linguagem, a qual ultrapassa os limites da Linguística Tradicional. Ele denomina esse campo de investigação de Metalinguística/Translinguística, cujo objeto é o discurso em sua concretude, isto é, como fenômeno vivo e concreto. Segundo Brait (2012), a novidade da Metalinguística/Translinguística é a bivocalidade de “dialógico”, ou seja, sua abordagem parte do ponto de vista interno e também externo, sem excluir um dos polos. Nessa perspectiva, o material linguístico não é ignorado, mas o foco recai sobre aquilo que Bakhtin (2013) chama de relações dialógicas, compreendido como a

rede de relações que o enunciado estabelece com outros enunciados, anteriores, simultâneos ou futuros. Nas palavras do autor:

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (Bakhtin, 2013, p. 209, grifos do texto-fonte).

As relações dialógicas, segundo Bakhtin (2013), são extralinguísticas, uma vez que é na comunicação concreta entre sujeitos, sempre situada e contextualizada, que a língua vive e se atualiza. Assim, todo enunciado, ao ser interpretado como signo que reflete e refrata a posição de um outro, manifesta um caráter dialógico. Complementarmente, Bakhtin (2016) afirma que cada enunciado constitui um elo na cadeia complexamente organizada de outros enunciados.

Destarte, como aponta Costa-Hübes (2017), ao tomarmos o discurso-enunciado como ponto de partida da pesquisa, é necessário compreender que todo enunciado se inscreve em um gênero do discurso. Nesse viés, Bakhtin (2016) afirma que a língua se concretiza por meio de enunciados (orais, escritos ou verbo-visuais) que são concretizados em gêneros do discurso. Conforme Bakhtin (2016), tanto o caráter quanto as formas de uso da linguagem são multiformes, assim como os campos da atividade humana. Dessa forma, à medida que a sociedade se transforma, também se transformam as formas de comunicação, como se observa, por exemplo, no campo digital, que evolui continuamente e introduz gêneros discursivos cada vez mais dinâmicos. Nesse sentido, a riqueza e diversidade dos gêneros são infinitas, pois são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana (Bakhtin, 2016).

Os gêneros discursivos podem ser classificados em primários e secundários. Os secundários apresentam maior complexidade, pois se desenvolvem em situações de comunicação mais elaboradas, próprias de contextos culturais organizados e predominantemente vinculados à modalidade escrita, como ocorre nos romances e nas pesquisas acadêmico-científicas. Já os primários são simples, surgem em condições de comunicação imediata, como a conversa, que mantém relação direta com a realidade concreta, o tempo e o espaço em que se realiza. Bakhtin (2016) apresenta três elementos como constitutivos do enunciado (gênero do discurso), são eles: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Os referidos elementos

“[...] estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (Bakhtin, 2016, p. 12).

Nas interações, o enunciador organiza seu discurso para se comunicar, interagir e imprime uma posição valorativa. Nesse horizonte, uma temática fundamental para o Círculo de Bakhtin é a discussão acerca da ideologia. De acordo com Volóchinov (2017), todo produto ideológico – seja um corpo físico, um instrumento de trabalho ou um bem de consumo – carrega a capacidade de refletir e refratar uma realidade que o ultrapassa.

O autor destaca que qualquer corpo físico pode ser apreendido como imagem de algo, sendo essa imagem artístico-simbólica uma forma de manifestação ideológica. Assim, ainda que inserido na realidade material, o objeto passa a representar uma outra realidade. Como afirma Volóchinov (2017, p. 91), “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo”. Por isso, os signos ideológicos são capazes de refletir, distorcer ou revelar, sob determinados pontos de vista, aspectos de uma realidade. Segundo o teórico:

As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação signica (Volóchinov, 2017, p. 93).

Compreendemos, portanto, que não existe signo neutro: todo signo, ao circular socialmente, se torna a expressão de determinada posição, que é sempre ideológica e valorativa. Categorias como verdadeiro ou falso, justo ou injusto, bom ou mau, correto ou incorreto aplicam-se às formas pelas quais as ideias são expressas e aos signos que as veiculam. Ao afirmar que o campo ideológico se confunde com o campo dos signos, Volóchinov (2017) revela que toda significação – verbal, visual ou gestual – está atravessada por valores sociais, históricos e culturais. Assim, interpretar signos é também interpretar as ideologias que os constituem.

Entendemos, portanto, a ideologia como expressão de uma tomada de posição determinada (Miotello, 2012). Conforme Miotello (2012, p. 170), todo signo recebe um ponto de vista, já que representa a realidade a partir de um lugar valorativo que é determinado socio-historicamente. Destarte, Miotello (2012, p. 171) caracteriza a ideologia na perspectiva bakhtiniana “[...] como a expressão, a organização e a regulação das relações dialógicas histórico-materiais dos homens”. O autor afirma

ainda que Bakhtin/Volóchinov toma como ponto de partida para a constituição da ideologia a comunicação da vida cotidiana, à qual se vincula diretamente os processos de produção material da existência, situados na infraestrutura, e as diferentes esferas das ideologias especializadas e formalizadas, que se organizam na superestrutura e estabelecem uma constante troca de sentidos com a sociedade.

Assim, Miotello (2012), apoiado na perspectiva bakhtiniana, aponta que a relação entre infraestrutura e superestrutura é entendida como indissociável. A infraestrutura, ligada aos processos materiais de produção da vida, mantém relação constante com a superestrutura, onde se situam instituições como imprensa, literatura, ciência, leis e religião. Essa interação é mediada pelos signos (especialmente a palavra, considerada o indicador mais sensível das mudanças sociais) que assumem sentidos diversos conforme os interesses sociais e de classe em disputa.

Na superestrutura, a ideologia oficial tende a apresentar um conteúdo relativamente estável, formalizado e testado pelos acontecimentos, mais aceita pela conjuntura social, mais amparada pelos jogos de poder, conseqüentemente, esse nível exerce grande influência no jogo social, pois é constituído pela classe dominante. Enquanto a ideologia do cotidiano, mais instável, emerge como o nascedouro primário das transformações ideológicas. Essa dinâmica revela que, embora a superestrutura possa reproduzir a ordem social, ela também é permeável a contradições e mudanças, refletindo tensões oriundas da base material (Miotello, 2012).

Nesse sentido, como afirma Miotello (2012), as mudanças sociais, sejam elas das mais ínfimas e mais efêmeras, repercutem na língua. Os sujeitos inscrevem na língua essas mudanças sociais, seja pela palavra, nas entonações, nos acentos apreciativos etc., refletindo, assim, as transformações históricas, culturais e ideológicas de seu tempo. Destarte, como pontua Miotello (2012), as palavras carregam múltiplos fios ideológicos, muitas vezes contraditórios, moldados por relações e conflitos sociais. No contexto de uma sociedade de classes, o signo verbal expressa disputas ideológicas e não possui sentido único, abrigando tendências diversas e vozes que revelam tensões entre tempos, grupos etc.

2 Modalidade argumentativa polêmica

A argumentação, conforme Amossy (2018), constitui-se como fenômeno inerente ao funcionamento da linguagem, presente não apenas na tomada de

posição que visa à adesão a uma tese, mas também na orientação dos modos de percepção e de interpretação do discurso. Nessa perspectiva, Amossy (2008) propõe que a análise da argumentação seja feita a partir das modalidades argumentativas, evidenciando que os discursos não apresentam o mesmo nível de intensidade: alguns se estruturam de forma mais fortemente argumentativa, enquanto outros se mostram menos incisivos. Nesse quadro, a autora identifica seis modalidades argumentativas distintas (demonstrativa, patética, pedagógica, de co-construção, negociada e polêmica), entre as quais focalizamos esta última.

Destarte, o fenômeno discursivo da polêmica, segundo Amossy (2017), manifesta-se como o confronto de teses antagônicas e, por isso, está intrinsecamente ligado ao dissenso, isto é, à ausência de concordância em torno de determinado tema. Entretanto, como observa a autora, para que se configure efetivamente uma polêmica, é necessário que o embate trate de uma questão de interesse público, e não apenas de um desacordo entre indivíduos. Nesse sentido, a polêmica adquire relevância quando mobiliza problemáticas mais amplas, capazes de interpelar e envolver o público em geral.

À luz das reflexões de Amossy (2017), a polêmica pode ser compreendida como uma modalidade argumentativa, situada no domínio da retórica. Nessa perspectiva, caracteriza-se pela exposição de argumentos destinados a sustentar o próprio ponto de vista e a refutar a do oponente, constituindo-se, portanto, em um discurso marcado pelo choque de opiniões. Desse modo, o antagonismo entre posições divergentes torna condição *sine qua non*, pois duas respostas opostas sobre um mesmo tema exigem que cada parte fundamente e justifique a validade de sua posição (Amossy, 2017).

Nesse contexto, Amossy (2017) esclarece que, ao adotarmos uma concepção modular da argumentação, ela pode ser compreendida como um *continuum* que se estende desde a coconstrução de pontos de vista até o embate de posições antagônicas, sendo nesse último polo que se situa a polêmica como modalidade argumentativa. A autora aponta ainda os principais traços que a caracterizam: a dicotomização, a polarização, a desqualificação do oponente e, de modo apenas secundário, a violência verbal e o *páthos*. Nos parágrafos seguintes, tais aspectos serão discutidos.

Um dos modos de gestão do conflitual, de acordo com Amossy (2017), é a dicotomização. Esta surge a partir do choque de opiniões contraditórias, e essa oposição dos discursos é o objeto de uma clara dicotomização, na qual temos duas opções que se excluem mutuamente. A autora, ao citar exemplos que dão ideia de oposição, como direita/esquerda, pacifista/beligerante e tolerante/intolerante, ressalta que essas oposições não são absolutas, pois dependem de contextos socioculturais, crenças, circunstâncias históricas etc. Segundo Amossy (2017, p. 55): “[...] a polêmica que trata de questões de interesse público é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada por uma tendência à dicotomização, que torna problemática a busca por um acordo”. Desse modo, a dicotomia radicaliza o discurso e delimita campos antagônicos, em que cada parte se define pela negação da outra, tornando a resolução consensual não só difícil, mas inviável.

Quanto à polarização, ela promove o reagrupamento dos participantes em campos distintos, de modo que um público heterogêneo se divide em dois ou mais grupos. Nas palavras da autora: “[...] trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo a que aqueles que se sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizem-se em favor da tese que o reforça” (Amossy, 2017, p. 57). Nesse processo, estabelecem campos inimigos no plano da estrutura actancial, em que figuram um proponente e um oponente diante de um terceiro. Como ressalta Amossy (2017), não se trata mais de pessoas, mas de papéis, de modo que se delineiam o defensor da posição proposta, o opositor dessa posição e o ouvinte-espectador da confrontação.

A desqualificação é uma das manobras recorrentes na argumentação polêmica, voltada a desacreditar o adversário, rebaixando-o ou diminuindo-o. Segundo Amossy (2017, p. 58), “[...] o procedimento mais atenuado consiste em atacar a palavra do outro, tendo ele como alvo apenas por meio dela. O Oponente refuta, assim, as razões do adversário, mostrando que seu discurso é indigno de confiança e não merece que o apoie”. Dessa forma, além de desqualificar a tese apresentada, busca-se também atingir o próprio Oponente, anulando a força de seus argumentos e, por vezes, levando essa estratégia ao extremo, como na tentativa de diabolização. Como destaca a autora, no discurso polêmico todos os meios são possíveis, como a reformulação orientada, o uso da ironia, entre outros recursos.

Acerca da violência verbal, Amossy (2017) ressalta que ela não constitui um traço intrínseco da polêmica. Entendida como o uso de insultos, ataques pessoais,

sarcasmo ou expressões depreciativas que visam ferir o interlocutor, a violência verbal, quando presente, atua mais como recurso auxiliar do que como elemento definidor da polêmica. Quanto ao *páthos*, isto é, a dimensão afetiva da argumentação, voltada a mobilizar emoções no auditório, também se apresenta como traço secundário: não estrutura a polêmica em si, mas potencializa sua eficácia, reforçando a dicotomização, a polarização e a desqualificação que a sustentam.

Dessa maneira, a polêmica pública, conforme observa Amossy (2017), ocupa lugar de destaque nas mídias que se alimentam de opiniões, sustentada pela curiosidade do público diante do espetáculo da violência verbal. Nessas arenas, os meios de comunicação veiculam, bem como estimulam debates em torno de assuntos de interesse coletivo, fazendo da polêmica um recurso recorrente de engajamento. Esse fenômeno torna-se ainda mais evidente nas redes sociais digitais, onde discussões acerca de temas como, por exemplo, feminismo e *red pill* ganham ampla visibilidade, muitas vezes assumindo contornos de radicalização e dicotomização.

3 Procedimentos metodológicos

Metodologicamente, esta investigação situa-se no âmbito da pesquisa qualitativa, uma vez que se orienta pela descrição e pela interpretação de textos/discursos. Tal perspectiva, conforme observa Paiva (2019), busca uma compreensão aprofundada dos documentos, privilegiando os sentidos que emergem nas práticas de interação. No que se refere ao método, adotamos a via indutiva, entendida, nos termos de Moraes (2003, p. 197), como um procedimento que “[...] implica construir as categorias com base nas informações contidas no corpus”. Desse modo, a análise teve início com a leitura do *corpus*, seguida de releituras, nas quais foram identificados os traços da argumentação polêmica, bem como os posicionamentos ideológicos que se evidenciam nos enunciados.

Acerca do *corpus* de análise², este é composto por comentários *online* produzidos em resposta ao *podcast* intitulado “Debate: *red pill* X Feministas”, transmitido pelo canal do *YouTube* Inteligência Ltda³. Os critérios que orientaram a seleção do *corpus* derivaram, em um primeiro momento, do interesse em examinar

² Na seção de análise de dados, apresentamos o contexto de produção do gênero discursivo, bem como informações detalhadas sobre o *corpus*.

³ *Link* de acesso ao canal: www.youtube.com/@inteligencialtda.

discursos produzidos em ambientes digitais e também discursos que problematizam temáticas sociais vinculadas às relações de gênero. Essa escolha metodológica se ancora na continuidade de reflexões já desenvolvidas em trabalhos anteriores, como os de Bernardino, Nascimento e (2020) e Nascimento e Bernardino (2023), nos quais observamos disputas simbólicas e ideológicas em torno das dinâmicas de gênero.

Nesse sentido, decidimos analisar comentários que evidenciassem explicitamente referências ao feminismo e ao *red pill*. Entre os comentários selecionados, optamos por cinco exemplos representativos que revelam os traços caracterizadores da argumentação polêmica, conforme delineado por Amossy (2008, 2017), tais como a dicotomização, a polarização e a desqualificação do interlocutor. Além disso, comentários que revelassem posições ideológicas favoráveis e contrárias aos temas em debate.

Quanto às categorias de análise, a investigação se apoiou na modalidade argumentativa polêmica proposta por Amossy (2017), articulada com as reflexões de Bakhtin (2016), Volóchinov (2017) e seguidores acerca da natureza do enunciado e da dimensão ideológica dos discursos. Os procedimentos de análise seguiram a seguinte sequência: leitura e releitura do *corpus*; seleção dos comentários conforme os critérios estabelecidos após leitura; e descrição e interpretação dos enunciados a partir da base teórica delimitada, buscando compreender tanto as estratégias argumentativas quanto os posicionamentos ideológicos manifestos nos discursos analisados.

4 Análise de dados

Nesta seção do artigo, operacionalizamos o objetivo de analisar a argumentação polêmica e a construção de posições ideológicas em torno do feminismo e do *red pill* a partir de comentários *online* produzidos em resposta a um *podcast*.

Inicialmente, apresentamos o contexto de produção do gênero discursivo (enunciado-texto) em estudo. Desse modo, os comentários foram postados em resposta ao *podcast* intitulado “*Debate: red pill X Feministas*”, transmitido pelo canal do YouTube Inteligência Ltda, que conta com aproximadamente 4,89 milhões de inscritos. O canal, mediado por Rogério Vilela – cartunista e considerado um dos *podcasters* mais influentes do Brasil –, recebe convidados de diferentes áreas e se propõe, segundo o apresentador, a promover conversas sobre ideias, teorias e opiniões diversas que contribuiriam para “tornar os espectadores mais inteligentes”.

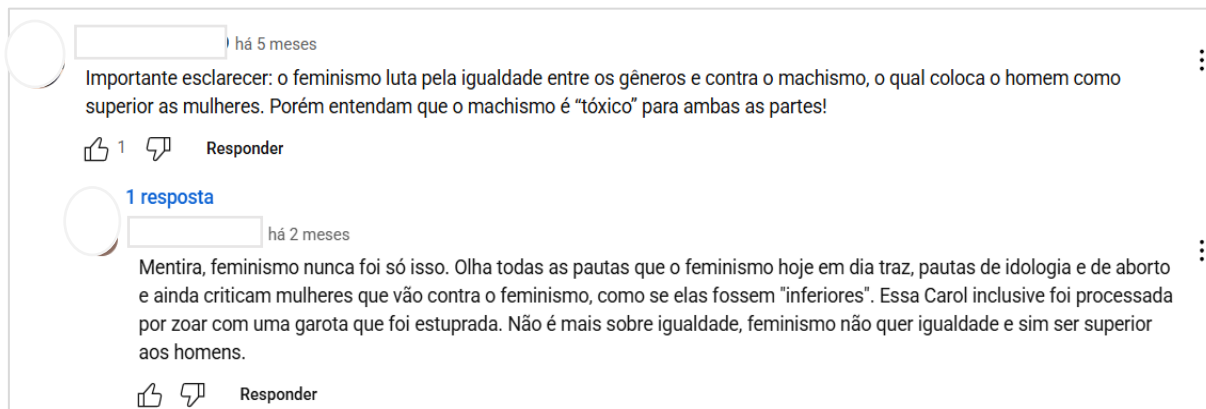
O episódio gerador dos comentários analisados traz um debate entre a cantora e feminista Bruna Volpi, a publicitária e feminista Caroline Sardá, o escritor e integrante do *red pill*, Ricardo Thomé, o *youtuber* e também membro do *red pill*, Junior, além de Vilela, que atua como mediador. Transmitido ao vivo em 11 de abril de 2023, o *podcast* ultrapassa 680 mil visualizações, configurando-se como um dos mais assistidos do canal, com mais de 31 mil curtidas e 17 mil comentários.

Voltando-nos para a natureza do enunciado, conforme orientam os estudos bakhtinianos, é preciso situar o gênero em relação ao campo da atividade humana em que se inscreve. Os comentários *online* analisados são produzidos no campo midiático-digital, mais especificamente na rede social YouTube. Tal plataforma, ao articular simultaneamente a dimensão midiática, marcada pela difusão massiva de conteúdos audiovisuais, e a dimensão interativa possibilitada pela participação dos usuários por meio de comentários, compartilhamentos, *links* e outros recursos, se constitui como espaço de circulação de diferentes trocas comunicativas.

Nesse sentido, como observa Paveau (2021), o comentário *online* se configura como um dos gêneros tecnodiscursivos mais recorrentes da *Web*, emergindo em *blogs*, *sites* jornalísticos, redes sociais e distintos ambientes digitais. Trata-se de um gênero rico em possibilidades, porquanto funciona como lugar da exegese, da explicação, da interpretação, da sugestão, da proposição e da conversação, podendo ainda mobilizar traços discursivos e argumentativos característicos, como a troca dialogal, a polêmica, a violência verbal e a tomada de posição. O *corpus* que aqui se analisa decorre de comentários produzidos sobre feminismo e *red pill*, temáticas que, no contexto social contemporâneo, constituem focos de disputas de sentido e de confrontos ideológicos, o que se manifesta de maneira evidente nas interações examinadas a seguir⁴.

⁴ Ocultamos a foto e o nome dos internautas autores dos comentários por questões éticas de exposição.

Figura 1 - Comentários 01 e 02: Pontos de vista conflitantes acerca do feminismo



Fonte: Youtube.

Como observamos no comentário 01, o Proponente aponta ser importante esclarecer as pautas pelas quais o feminismo luta, isto é, pela igualdade entre os gêneros e contra o machismo que coloca o homem como superior às mulheres, ressaltando ainda que o machismo é tóxico para ambas as partes. A posição do Proponente no comentário 01 é, portanto, em defesa do feminismo, uma vez que busca a igualdade de gênero e se posiciona contra o machismo.

No entanto, em resposta, a Oponente apresenta um ponto de vista em dissenso. O comentário 02 se constrói como réplica que nega e reinterpreta a palavra do outro. Como afirma Bakhtin (2013, 2016), todo discurso se move no entrecchoque de vozes que se respondem. Assim, já no enunciado inicial – “mentira, feminismo nunca foi só isso” – a Oponente demarca uma posição contrária, indicando que, desde sua constituição, o feminismo não se limitaria a lutar pela igualdade e contra o machismo, como defende o Proponente. Em seguida, a Oponente apresenta exemplos que, segundo ela, evidenciam o real escopo das pautas feministas: “pautas de ideologia e aborto e ainda criticam mulheres que vão contra o feminismo, como se elas fossem ‘inferiores’”.

Ao analisar os pontos de vista do Proponente e da Oponente, observamos um choque de opiniões contrárias em torno do feminismo. Mais precisamente, aquilo que o movimento defende torna-se objeto de dicotomização. A Oponente introduz a argumentação polêmica e constrói um campo dicotômico entre “verdade” e “mentira”, bem como entre “igualdade” e “superioridade”. Isso se evidencia quando, em resposta ao discurso do Proponente, afirma: “não é mais sobre igualdade, o feminismo não quer igualdade e sim ser superior ao homem”. Nesse

movimento, ela reorganiza o discurso, reconfigurando o sentido atribuído ao feminismo de modo a interpretá-lo em oposição ao que o Proponente defende. A Oponente, assim, apresenta contra-argumentos que negam o ponto de vista do Proponente ao afirmar que “o feminismo não é mais igualdade e não quer a igualdade”. A estratégia argumentativa da Oponente é, portanto, a de radicalizar, deslocando o que seria o objetivo do feminismo e apresentando exemplos polêmicos, como “aborto” e “pautas de ideologia”, para legitimar seu ataque.

Outra característica da argumentação polêmica, como afirma Amossy (2017), é a desqualificação do outro. Nesse sentido, a Oponente escreve: “Essa Carol inclusive foi processada por zoar com uma garota que foi estuprada”. Nesse enunciado, observamos a busca explícita pela desqualificação de uma das participantes do *podcast* que originou os comentários e que, assim como o Proponente do comentário 01, também defende o feminismo. A desqualificação, conforme Amossy (2017), constitui uma estratégia retórica de desacreditação do adversário: o alvo, nesse caso, a feminista Carol, é deslegitimado, e seu discurso é colocado sob suspeita. A acusação tem efeito de produzir descrédito, pois evidencia uma suposta contradição: seria incoerente que alguém que defende os direitos das mulheres “zoe” uma mulher por ter sido estuprada. Dessa forma, a Oponente, no comentário 02, busca mostrar que o discurso de Carol, participante do *podcast*, não merece apoio. Dessa forma, o descrédito decorrente da “mentira” (= ser mentirosa) recai tanto para a Proponente (autora do comentário 1) quanto para a participante Carol.

Tendo em vista a dimensão ideológica, como afirma Volóchinov (2017), interpretar signos é também interpretar as ideologias que os constituem. No comentário 01, o Proponente inscreve o feminismo em um horizonte ético de “igualdade”. Em contrapartida, no comentário 02, a Oponente expressa uma ideologia conservadora e antifeminista, vinculando o feminismo a “ideologia” e “aborto”. Esse confronto ilustra o que Bakhtin (2016) caracteriza como dialogismo: todo enunciado se constitui na relação responsiva com outros discursos. A Oponente nega e também reacentua o dizer do Proponente, deslocando o sentido do feminismo para o polo da “supremacia”.

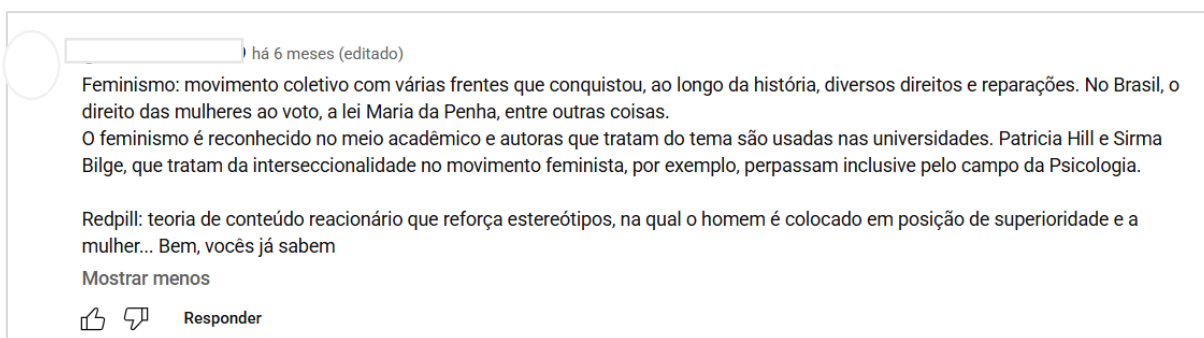
Assim, tanto o Proponente quanto a Oponente, em relação ao discurso *red pill* do *podcast*, engajam-se na criação de valores ideológicos em disputa: de um lado, o feminismo é construído como defesa da “igualdade”, enquanto o machismo é caracterizado como “tóxico”; de outro, o feminismo é reconfigurado como busca de

“supremacia” e como o verdadeiro problema social. Esses sentidos não são neutros, pois revelam a luta ideológica acerca do que, de fato, o feminismo defende.

Nesse movimento, observamos o funcionamento daquilo que Amossy (2017) denomina lógica da argumentação polêmica: a constituição de campos opositivos, a desqualificação do adversário e a radicalização dos sentidos. A polêmica, nesse caso, evidencia um embate pela autoridade de significar o feminismo no espaço discursivo. Trata-se, portanto, de uma disputa pela definição legítima do termo e, ao mesmo tempo, pela imposição de valores ideológicos que sustentam posições sociais antagônicas.

Na sequência da análise, apresentamos três comentários que exemplificam, de modo contrastivo, a dinâmica polêmica instaurada no debate digital: o primeiro deles inscreve-se em uma posição de defesa do feminismo e de rejeição ao discurso *red pill*, enquanto os dois seguintes manifestam adesão à lógica *red pill* e oposição ao feminismo. Essa disposição dos comentários permite observar como a polarização discursiva se constrói na materialidade linguístico-argumentativa, mobilizando estratégias de legitimação e deslegitimação que reforçam identidades ideológicas em confronto.

Figura 2 - Comentário 03: Pontos de vista a favor do feminismo e contra o *red pill*



Fonte: Youtube.

No comentário, o Proponente define o feminismo como um movimento coletivo responsável por conquistas históricas de direitos. Em contraposição, caracteriza o *red pill* como uma teoria de viés reacionário, sustentada por estereótipos e pela ideia de superioridade masculina.

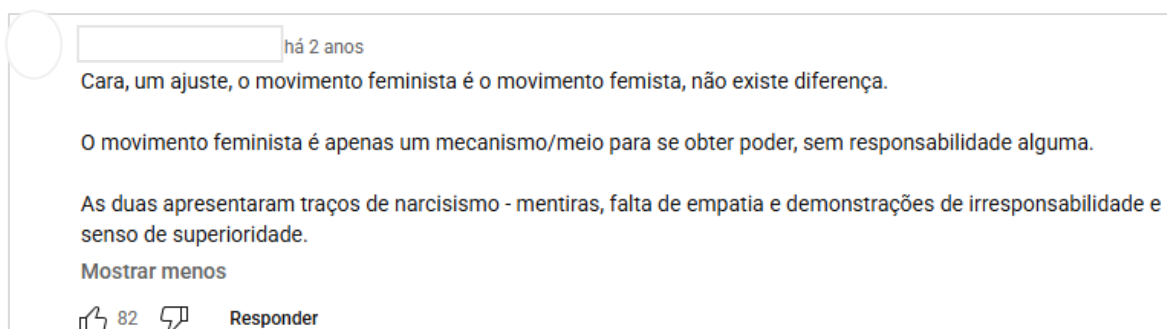
Observamos que, para defender seu ponto de vista, o Proponente busca legitimar o feminismo, apontando-o como um movimento histórico que obteve

conquistas históricas e direitos, como a lei Maria da Penha no Brasil. Utiliza, ainda, o argumento de que o feminismo é reconhecido no meio acadêmico e cita duas autoridades acadêmicas, a Patricia Hill e Sirma Bilge, estudiosas do movimento e autoras da obra “Interseccionalidade”, que discorre sobre temas como raça, gênero, sexualidade. Acerca do posicionamento ideológico, a ideologia aqui se apoia em uma ideia de igualdade e justiça, projetando o feminismo como instância de reparação histórica. No mesmo comentário, o Proponente contrapõe o feminismo ao *red pill* e o define como “teoria de conteúdo reacionário que reforça estereótipos”. Há, assim, a criação de campos ideológicos diferentes.

Observamos também um outro traço da argumentação polêmica, que diz respeito ao que Amossy (2017) chama de polarização, ou seja, a formação de grupos adversários, enquanto fenômeno social. Nesse sentido, o feminismo é colocado como grupo adverso do *red pill*, instaurando disputas em torno de gênero e de valores divergentes. Como afirma Amossy (2017), a polarização promove o reagrupamento dos participantes em campos distintos, de modo que um público heterogêneo se divide em grupos adversários. Estabelecem-se, assim, papéis actanciais que correspondem a posições discursivas e ideológicas.

Na mesma lógica da polarização entre grupos, temos os comentários 05 e 06, que também procuram conceituar o feminismo e o *red pill*. Diferentemente do comentário anterior, contudo, nesses casos ocorre a defesa do *red pill* acompanhada do ataque ao feminismo. Ambos os comentários surgem em resposta a questionamentos de internautas sobre o significado de cada movimento, evidenciando como a disputa pelo “direito de definir” passa a constituir terreno privilegiado da confrontação ideológica.

Figura 3 - Comentários 04 e 05: Pontos de vista a favor do *red pill* e contra o feminismo



há 2 anos

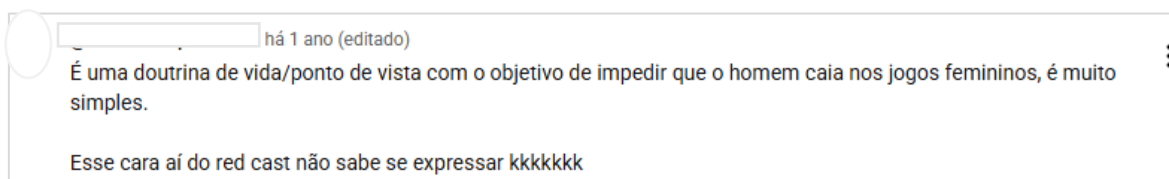
Cara, um ajuste, o movimento feminista é o movimento femista, não existe diferença.

O movimento feminista é apenas um mecanismo/meio para se obter poder, sem responsabilidade alguma.

As duas apresentaram traços de narcisismo - mentiras, falta de empatia e demonstrações de irresponsabilidade e senso de superioridade.

Mostrar menos

82 Responder



Fonte: Youtube.

O Proponente inicia o comentário 05 corrigindo um discurso anterior e ratifica que “o movimento feminista é o movimento femista, não existindo diferença entre ambos”. Em seguida, apresenta sua concepção do feminismo, que define como “apenas um mecanismo/meio para se obter poder, sem responsabilidade alguma”. Nessa perspectiva, o feminismo é deslocado de seu estatuto político-histórico para um lugar de instrumento de dominação.

O internauta prossegue na desqualificação das feministas entrevistadas no podcast que motivou os comentários, afirmando que elas “apresentam traços de narcisismo”, “dizem mentiras”, “não têm empatia” e são “irresponsáveis”, além de exibirem “senso de superioridade”. De acordo com Amossy (2017), na argumentação polêmica, além de desqualificar o ponto de vista apresentado, busca-se atingir o próprio Oponente, anulando a força de seus argumentos e, em certos casos, levando essa estratégia ao extremo, como na tentativa de diabolização. É exatamente esse o movimento observado: o ataque não recai apenas sobre a ideia, mas sobre as pessoas que a sustentam, que são deslegitimadas no plano ético e moral.

No comentário 06, por outro lado, o *red pill* é conceituado como “uma doutrina de vida/ponto de vista”, formulação que confere solidez e autoridade ao grupo. Segundo o enunciador do comentário, trata-se de um posicionamento que busca “impedir que o homem caia nos jogos femininos, é muito simples”. A estratégia argumentativa reside em apresentar o *red pill* como postura “simples” e autoevidente, que se legitima pela oposição direta às mulheres, representadas como manipuladoras. O recurso de nomear essas interações como “jogos femininos” desqualifica o feminino de forma generalizante, cristalizando estereótipos que reiteram hierarquias de gênero.

Percebemos o caráter ideológico desses discursos, as palavras “feminismo” e “*red pill*” não aparecem como definições neutras, mas como signos saturados de valores sociais em disputa. À luz de Volóchinov (2017), observamos que cada termo é atravessado por vozes sociais em confronto, funcionando como campo de luta

ideológica, em que sentidos são construídos, tensionados e disputados no espaço do embate polêmico.

Destarte, diante da análise dos comentários *online* sobre feminismo e *red pill*, observamos, em consonância com a leitura de Miotello (2012), que a constituição da ideologia, tal como concebida por Bakhtin/Volóchinov, tem na comunicação cotidiana seu ponto de partida. Esses comentários, ao se inscreverem em um gênero discursivo marcado pela instantaneidade e pela aparente informalidade, materializam valores sociais que se enraízam nas práticas de vida ordinária. A partir desse lugar, tornam-se enunciados que dialogam, também, com ideologias mais formalizadas, situadas no âmbito da superestrutura. Assim, os embates polêmicos em torno do feminismo e do *red pill* exemplificam como o discurso cotidiano nas redes sociais se entrelaça com esferas ideológicas especializadas como, por exemplo, a política, produzindo uma constante circulação e reconfiguração de sentidos dos discursos.

Considerações finais

Diante da análise realizada, compreendemos que os discursos produzidos nas mídias sociais sobre o feminismo e *red pill* configuram-se como arenas de confronto simbólico, nas quais se tornam visíveis polêmicas e disputas de sentido que atravessam o espaço público contemporâneo. Os enunciadores mobilizam estratégias argumentativas como a polarização, que instaura blocos identitários opostos (*Feministas versus red pills*); a desqualificação do Oponente, o que compromete a legitimidade de quem se inscreve nesses coletivos; e a dicotomização das posições, sobretudo em torno de papéis atribuídos a mulheres e homens e as finalidades do feminismo e *red pill*. Tais procedimentos intensificam o caráter polêmico e ideológico do embate discursivo e, em muitos casos, desdobram-se em enunciados de teor radical e violento, que operam como dispositivos de incitação à ruptura do diálogo.

Há, ainda, uma disputa central em torno da própria definição do que seria o feminismo e o *red pill*, constituindo-se esse conflito semântico como um dos principais motores da polêmica. Essa luta pela definição reforça a polarização dos discursos e evidencia como a construção de significados se dá de maneira dinâmica e contestada, refletindo tensões sobre identidade, poder e normas sociais.

Portanto, os comentários *online* analisados, ao tematizarem sobre o feminismo e o *red pill*, evidenciam posicionamentos ideológicos divergentes e reatualizam tensões históricas em torno das relações de gênero e da constituição das identidades. Tal constatação reforça a relevância de investigações que problematizem criticamente os enunciados que circulam nesses contextos, uma vez que eles intervêm ativamente na configuração da sociedade e na luta pela hegemonia de valores e visões de mundo.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido por meio da bolsa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

Referências

- AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. Tradução de Claudia Muniz Proença Lara. In: LARA, Claudia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. **Argumentação no Discurso**. Coordenação da tradução de Eduardo Lopes Piris; Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução de Ângela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas à edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p.11-69.
- BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-98.
- BERNARDINO, Rosângela Alves dos Santos; NASCIMENTO, Daliane Pereira do; BATISTA, Raimundo Romão. Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 1837–1872, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27992>. Acesso em: 04 ago. 2025.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 9, p. 552–568, p. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/131/99>. Acesso em: 03 ago. 2025.

DOMICIANO, Ive Marian de Carvalho. **“As mulheres são a força do futuro”**: a (des)construção dos estereótipos femininos deflagrados nos comentários de postagens sobre super-heroínas na fanpage de Facebook Ei Nerd. 2024. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.

DUTRA, Rafael Botelho; FARIA, Maria da Graça dos Santos. Intertextualidade e desqualificação do adversário no uso da hashtag em tuítes. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 3, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3528/2329>. Acesso em: 03 ago. 2025.

FREITAS, Bruna de. **“Em briga de marido e mulher, se mete a colher”**: uma análise de discursos sobre a violência contra a mulher na pandemia (Covid-19) em enunciados do Instagram. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2022.

MIOTELLO, Valdir. Ideologia. In: BRAIT, Brait (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 167-176.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHYkhL5pM5tXzdj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2025.

NASCIMENTO, Daliane Pereira do; BERNARDINO, Rosângela Alves dos Santos. Pontos de vista e responsabilidade enunciada em sentença judicial acerca da publicação de fotos íntimas em grupo de Whatsap. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.1, 2023. p. 177-198. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10097.10.46230/2674-8266-15-10097>. Acesso em: 02 ago. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela. Contribuições dos estudos de discurso na análise da comunicação em plataformas digitais. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 18, n. 3, p. 170–186, dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/43887/28374>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SILVA, Ana Carolina Weselovski da; HENNIGEN, Inês. Misoginia online: a red pill no ambiente virtual brasileiro. **Revista feminismo**, v. 12, n. 1, p. 1-28, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/57028>. Acesso em: 04 ago. 2025.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.